

***Em pauta o conceito de ethos: a movência do
conceito da retórica aristotélica à sua
ressignificação no campo da Análise do Discurso
por Dominique Maingueneau***

Kelen Cristina RODRIGUES
(Universidade Federal de Uberlândia)

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a movência do conceito de *ethos* no que tange ao seu tratamento e à sua ressignificação por disciplinas diferentes. Buscamos mostrar, de maneira ampla, como diferentes correntes fazem uso do conceito, com especial atenção para o campo da Análise do Discurso conforme proposto por Dominique Maingueneau.

Palavras-chave: retórica; *ethos*; Análise do Discurso.

Abstract: The aim of this essay is to discuss the change of the concept of *ethos* with regard to the way it is approached and re-read in different fields. We try to demonstrate, in broad terms, how different perspectives make use of the concept, with particular emphasis on the field of Discourse Analysis as proposed by Dominique Maingueneau.

Keywords: rhetoric; *ethos*; Discourse Analysis.

Introdução

Aristóteles em sua obra *Retórica* introduz os conceitos de *logos*, *ethos* e *pathos* os quais, ao longo de séculos, sofreram reformulações e diferentes interpretações. Esses três conceitos, da forma como foram concebidos pelo filósofo – com o intuito argumentativo de persuadir –, podem ser entendidos como características individuais e individualizadoras do orador e são de muita utilidade para algumas correntes da lingüística. No entanto, para a Análise do Discurso (doravante AD), fez-se necessário que se realizassem alguns

* Contato: kelenmanzan@yahoo.com.br.

deslocamentos. Assim, antes de abordarmos como a AD concebe esse conceito, faremos um percurso por duas releituras: a primeira releitura é efetuada por Eggs (2005) e enfoca os três conceitos citados acima - *logos*, *ethos* e *pathos*; a segunda releitura é empreendida por Amossy (2005) e pauta-se pelo enlaçamento do conceito de *ethos* com a pragmática e a sociologia dos campos. Por fim, abordaremos o conceito de *ethos* na perspectiva da Análise do Discurso francesa, a partir da releitura feita por Maingueneau (2006, 2005a, 2005b, 1997). É no percurso destas três releituras que procuraremos mostrar a movência do conceito de *ethos* e sua particular aplicação no campo da AD.

1 *Ethos, Logos e Pathos*

A *Retórica* de Aristóteles é uma obra extensa, compilada em três livros. Nela, o filósofo grego aborda a eficácia de um discurso através de três conceitos: *ethos*, *logos* e *pathos*,¹ melhor descritos como as três provas engendradas pelo discurso. Essa tríade, segundo Aristóteles, é garantidora da persuasão do ato discursivo.

De acordo com Eggs (2005), encontramos na *Retórica* de Aristóteles – especificamente em relação à noção de *ethos* –, dois campos semânticos ligados à questão que suscitam contradições: há um campo semântico fundado na moral, no qual se encaixam atitudes e virtudes pautadas pela *honestidade*, *benevolência* ou *equidade*, e outro de sentido mais objetivo, neutro e sem afetações, no qual se adequam *hábitos*, *modos* e *costumes ou caráter*. Segundo o autor, esses dois campos, aparentemente contraditórios, seriam, na verdade, constitutivos da noção de *ethos* e, portanto, indispensáveis a qualquer atividade argumentativa, sendo entendidos como a “realidade problemática de todo discurso humano” (EGGS, 2005, p. 30). Em alguns momentos da *Retórica*, Aristóteles não usa o termo *ethos* propriamente explicitado

¹ Aristóteles considera que o discurso engendra três provas - *ethos*, *logos* e *pathos* – que são, na realidade, qualidades que o orador deve demonstrar ao proferir um discurso. Essas provas seriam, basicamente, de três espécies: as que residem no caráter moral do orador, outras, baseadas na disposição do ouvinte e, por último, mas não menos importante, as que se baseiam no próprio discurso. Dessa forma, para Aristóteles, a persuasão está garantida quando: persuade-se pelo caráter (*ethos*), persuade-se pela disposição dos ouvintes quando estes sentem emoção (*pathos*) e, enfim, persuadimos pelo discurso em si (*logos*).

e nos coloca, como acima citado, diante de uma contradição semântica em relação ao significado do termo, que ora adquire um sentido ligado à moral, ora um sentido mais prático e objetivo. No entanto, e ainda segundo Eggs (2005), é claro e evidente que é deste conceito que se trata, como é possível perceber na seguinte passagem citada pelo autor e retirada da obra de Aristóteles:

Os oradores inspiram confiança por três razões que são, de fato, as que, além das demonstrações (apódeixis), determinam nossa convicção: (a) prudência/sabedoria prática (phrónesis), (b) virtude (areté) e (c) benevolência (eunóia). Os oradores enganam [...] por todas essas razões ou por uma delas: sem prudência, se sua opinião não é correta, se pensando corretamente, não dizem – por causa de sua maldade – o que pensam; ou, prudentes e honestos (epieikés), não são benevolentes; razão pela qual se pode, conhecendo-se a melhor solução, não a aconselhar. Não há outros casos. ² (ARISTÓTELES apud EGGS, 2005, p. 32)

Abordando ainda a definição dos conceitos de *logos*, *ethos* e *pathos*, que caracterizam o conjunto de elementos que devem ser mobilizados no ato discursivo – as provas do discurso – entendemos que ela se relaciona intrinsecamente às características apontadas na passagem acima. No processo discursivo, o orador deve apresentar, ao enunciar e em seu enunciado, *prudência/sabedoria prática* que é a parte do discurso que se liga ao *logos*; seu processo de enunciação também deve conter a *virtude – honesto/sincero* –, que se liga ao *ethos*; não pode ainda deixar de apresentar a *benevolência – ser solidário/amável* –, que se liga a dimensão do *pathos*. De acordo com Gibert (*apud* MAINGUENEAU, 2006b, p. 53-54), um estudioso do século XVIII, pode-se associar à tríade *logos*, *pathos* e *ethos*, respectivamente, o seguinte raciocínio: “instrui-se pelos argumentos; move-se pelas paixões; insinua-se pelos costumes”. Assim, possuir as qualidades apresentadas no trecho acima citado – *phrónesis (logos)*, *areté (ethos)*, e *eunóia (pathos)* – garantem, segundo o próprio Aristóteles, que o convencimento ocorra.

² A tradução da citação acima é de Dufour, mas Eggs, como veremos mais adiante, se permite uma tradução mais moderna: “os oradores inspiram confiança, (a) se seus argumentos e conselhos são sábios e razoáveis, (b) se argumentam honesta e sinceramente, e (c) se são solidários e amáveis com seus ouvintes”.

Nesse sentido, considerando essa articulação das qualidades citadas com os conceitos de *logos*, *ethos* e *pathos*, é possível afirmar que, para Aristóteles, os oradores necessitam inspirar confiança, que se materializa com a *phrónesis* (*razão/razoável*), com *areté* (*virtude/honesto/sincero*) e com *eunóia* (*benevolência/solidário*). Para melhor visualização, o quadro 1 indica as relações apontadas.

Quadro 1 – Relações entre os conceitos de *logos*, *ethos* e *pathos* e as características / qualidades apontadas para o ato discursivo eficaz

QUALIDADE	IMPLICAÇÃO	PROVA DO DISCURSO
<i>phrónesis</i>	Argumentos e conselhos sábios e razoáveis.	<i>logos</i>
<i>areté</i>	Argumentar honesta e sinceramente.	<i>ethos</i>
<i>eunóia</i>	Ser solidário e amável com seus ouvintes.	<i>pathos</i>

Porém, se a eficácia do discurso, para Aristóteles é, pois, indissociável dos conceitos de *logos*, *ethos* e *pathos*, que podemos definir como as qualificações exigidas pelo discurso as quais requerem sapiência e prudência, honestidade e sinceridade e, amabilidade e solidariedade, levanta-se uma pergunta. Essas articulações entre os conceitos e as qualidades, como descritas acima, dariam conta de *engendrar o discurso* em suas dimensões cognitiva e afetiva as quais, como postula Eggs (2005), o *ethos* apresenta em sua constituição? Em outras palavras: tais dimensões representam escolhas de certa forma deliberadas e emocionais que demonstram, também, certa liberdade do sujeito enunciativo em sua “maneira de se exprimir”? Segundo Eggs (2005), embora pareça ter o *ethos* certo sentido de moralidade ideal (argumentar honesta e sinceramente) como advinda de uma interioridade imanente, ele o é, na verdade, fruto de escolhas competentes e deliberadas. Assim, o orador deve mostrar um *ethos* apropriado a si, ao contexto e ao seu auditório, ou seja, um *ethos neutro* ou *ethos objetivo*. Assim, “não se pode realizar o *ethos* moral sem realizar ao mesmo tempo o *ethos* neutro, objetivo ou estratégico” (EGGS, 2005, p. 39). É nessa perspectiva que,

para Eggs, o *ethos* (que congrega orador, contexto e auditório) constitui a mais importante das provas do discurso. Atentemos para a releitura que o autor faz dos conceitos aristotélicos, a partir do esquema abaixo:

ETHOS <i>habitus</i> – virtude – caráter	LOGOS inferencial raciocínio argumentação
PATHOS paixão – afeto	

O autor, ao invés de três, apresenta-nos dois blocos de convicção. Notemos que *ethos* e *pathos* situam-se no mesmo bloco. Isso porque, para o autor, eles estão necessariamente ligados a uma situação específica, assim como aos indivíduos concretos nela implicados. O *logos*, por sua vez, convence em *si mesmo* e *por si mesmo*. É a partir dessa primeira re-esquematização que Eggs realizará um salto qualitativo em relação à noção de *ethos*, ampliando-a, como é possível perceber pelo esquema a seguir:

Logos	Ethos		
Inferencial Raciocínio Argumentação	Racional	Sincero	Solidário
	<i>Logos</i>	<i>Ethos</i>	<i>Pathos</i>

Nota-se que *ethos* passa a englobar, ou melhor, a articular as três qualidades para a eficácia do discurso, garantida pela *prova pelo ethos*, que condensa em si as três dimensões da antiga retórica aristotélica e “consiste em causar uma boa impressão por meio do modo como se constrói o discurso, em dar de si uma imagem capaz de convencer o auditório ao ganhar sua confiança” (MAINGUENEAU, 2006, p. 267), ou seja, essa imagem positiva é alcançada pelo orador com a junção das três qualidades fundamentais: a *phronesis* (*prudência*), a *areté* (*virtude*) e a *eunóia* (*benevolência*), já citadas anteriormente, tornando-se,

como buscamos mostrar, a mais importante prova do discurso, porque mais abrangente.

2 A Pragmática

A segunda releitura da noção de *ethos* de que aqui tratamos é feita, dentre outros teóricos, por Amossy (2005), que situa seus estudos sobre o *ethos* na confluência de três disciplinas: a retórica, a pragmática e a sociologia dos campos. A pragmática contemporânea, diz-nos Amossy (2005, p. 121), interessa-se pela “eficácia da palavra no interior da troca verbal, não se interessa pelos rituais sociais exteriores à prática linguageira, mas pelos dispositivos de enunciação”. Assim, interessa-se pelo fenômeno discursivo. Nessa perspectiva, portanto, o *ethos* não deve ser apreendido como o *status* social do sujeito empírico. A proposta do estudo da autora, no entanto, é aliar o *ethos* dos pragmáticos com o *ethos* dos sociólogos, em uma perspectiva segundo a qual eles são vistos como complementares e não excludentes. Embora os pragmáticos considerem sua construção na interação verbal, ele é interno ao discurso, o *ethos* considerado pelos sociólogos é oriundo de “uma troca simbólica regrada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores” (AMOSSY, 2005, p. 122). O quadro da *nova retórica* de Perelman (1989, p. 362 *apud* AMOSSY, 2005, p. 123), conforme citação de sua obra a seguir, reforça a idéia da argumentação com *aplicações sociológicas*:

de posse de uma linguagem compreendida por seu auditório, um orador só poderá desenvolver sua argumentação se se ativer às teses admitidas por seus ouvintes, caso contrário corre o risco de cometer uma petição de princípios. Resulta desse fato que toda argumentação depende, tanto para suas premissas quanto para seu desenvolvimento principalmente, do que é aceito, do que é reconhecido como verdadeiro, como normal e verossímil, como válido: desse modo, ela se ancora no social, cuja caracterização dependerá da natureza do auditório.

Notamos que a importância do auditório é de extrema relevância para o empreendimento argumentativo e que, como consequência, temos a adequação à questão das *crenças partilhadas*. De fato, a *nova retórica* de Perelman situa-se num quadro comunicacional, daí a importância do auditório e a questão da adequação ao universo

cultural no qual a enunciação é proferida. Em outros termos, fala-se de uma *doxa comum*, que, de acordo com Amossy (2005), compreende a imagem pública que incide sobre o orador, ou seja, o conhecimento, o saber prévio do auditório que não é singular, e sim, partilhado. Ainda, de acordo com Amossy, a *doxa* é essencial para a construção do *ethos*, um *ethos* que Maingueneau (2005) convencionou chamar de *ethos pré-discursivo*. No entanto, é necessário que se depreenda do pensamento perelmaniano que o orador é responsável pela construção do auditório, no sentido de que a interação ocorre, sempre, mediante a imagem que um faz do outro. Nesse ponto, é possível correlacionarmos o processo de construção da imagem do auditório com a noção de estereotipagem defendida por Amossy (2005). Segundo a autora, esse processo de construção efetuado pelo orador concebe, inevitavelmente, a noção de estereótipo, uma vez que nesse processo o orador considera “os modos de raciocínio próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da doxa na qual ele se situa” (AMOSSY, 2005, p. 126). Seria desnecessário dizer que a representação que o orador faz de seu alocutário é relacional, necessariamente, a algum tipo de categoria, seja política, social, étnica ou outra. À guisa de uma conclusão nessa etapa, citamos a autora.

É o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem. Se esta é sempre em última instância singular, é preciso ver, entretanto, que a reconstrução se efetua com a ajuda de modelos culturais que facilitam a integração dos dados em um esquema preexistente. (AMOSSY, 2005, p. 127)

Amossy (2005) levanta, também, uma questão pertinente em relação ao que, de fato, definiria o *ethos*. Ela o faz em termos de *reciprocidade* e de *complementaridade*, já que questiona se o *ethos* se define pela *autoridade institucional* ou pela *construção discursiva*. Ao analisar o texto *carta aberta aos camponeses* de Jean Giono, a autora leva em consideração fatos como o gênero adotado e as implicações daí decorrentes, a construção de um leitor implícito, a reatualização de estereótipos, a construção de um auditório, o que implica na adoção das *crenças partilhadas* e da *doxa comum*, permitindo que a autora diga que “inscreve o social no coração da interação argumentativa ao

determinar a gestão da interação” (AMOSSY, 2005, p. 132). No decorrer da análise efetuada pela autora, o que podemos depreender é que, as duas instâncias citadas, a *autoridade institucional* e a *construção discursiva*, são inseparáveis. Com efeito, a imagem prévia, no sentido de Amossy, e o *ethos pré-discursivo*, no sentido de Maingueneau, são realizados com base em uma “posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia” (AMOSSY, 2005, p. 136-137), assim como, também, a *bagagem dóxica* dos interlocutores, em atuação em uma *cena genérica* (utilizando um termo de Maingueneau), na qual haverá sempre uma distribuição pré-estabelecida e preexistente dos papéis a serem desempenhados, ligados, como acima citado, à releitura de estereótipos que se esboçam “tanto no nível da enunciação (um modo de dizer) quanto no do enunciado (conteúdos, temas)” (AMOSSY, 2005, p. 137). Dessa forma, o que se denominam *ethos discursivo* e *ethos institucional* são, na realidade, um fluxo contínuo de influências e correlações que ocorre nos dois eixos. Amossy (2005) ainda deixa claro que a dinâmica entre retórica, pragmática e sociologia dos campos na construção do *ethos* não fornece preponderância a nenhum campo, e sim um funcionamento interligado que é capaz de legitimar a cena de enunciação.

3 O *Ethos* na AD de Maingueneau

A grande contribuição de Maingueneau (2006) à releitura do *ethos* é considerá-lo como constitutivo da cena de enunciação,³ este último conceito também complexo que envolve variantes diversas, assim como processos interativos e valores historicamente definidos. Apesar dos deslocamentos realizados pelo autor, a concepção maingueneana de *ethos*, em certos aspectos, ainda mantém proximidade com a concepção aristotélica. Segundo o próprio autor (cf. MAINGUENEAU, 2006) essa concordância ocorre nos seguintes pontos:

³ De acordo com Maingueneau (2006) considerar uma *cena de enunciação* em detrimento de uma *situação de comunicação* nos permite, de certo modo, considerar o processo de comunicação a partir de seu “interior”, mediante a situação que a fala pretende definir. Por isso, essa noção de cena da enunciação é desmembrada em três cenas complementares, a saber, a cena englobante, a cena genérica e a cenografia.

- i. entendimento do conceito como uma noção discursiva, que se constrói através do discurso;
- ii. entendimento do conceito como processo fundamentalmente interativo de influências mútuas entre orador/locutor e auditório/destinatário;
- iii. entendimento de que se trata de uma noção sócio-discursiva, um comportamento social que só faz sentido em uma situação de comunicação precisa, situada em uma conjuntura sócio-histórica.

Entretanto, Maingueneau (data) ultrapassa o aspecto meramente persuasivo do conceito, considerando-o como um processo a partir do qual se pode refletir sobre o mecanismo de *adesão* dos sujeitos a determinado posicionamento. Em termos mais esquemáticos, o autor caracteriza o *ethos* como sendo ligado a uma cena de enunciação, não apenas pela dimensão verbal, mas também por um aspecto mais abstrato que engloba estereótipos, no sentido de Amossy (2005), os quais se ligam a um *fiador*, que aparece como o garantidor do que é dito, inseparável do tom de como é dito. A esse mecanismo reflexivo de construção do *ethos* adicionamos um caráter, que de acordo com Maingueneau, não se liga a um saber extradiscursivo sobre o enunciador; contrariamente, ele é atribuído pelo leitor/ouvinte espontaneamente em *função de seu modo de dizer* (MAINGUENEAU, 1997, p. 46) e engloba características psicológicas e uma corporalidade “associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social” (MAINGUENEAU, 2005a, p. 72). Assim, o fiador apóia seu caráter e sua corporalidade em representações sociais, ou seja, em estereótipos que são próprios dos fundamentos destes discursos mobilizados. É importante ressaltar que o *ethos*, na perspectiva da AD, não permite que o enunciador escolha deliberadamente o papel que irá desempenhar em função do efeito que se pretende sobre o auditório. Muito pelo contrário, segundo essa perspectiva teórica, os efeitos são impostos em função do posicionamento em um campo discursivo, visto que no interior desse campo o enunciador ocupa um lugar de enunciação, no qual está sujeito às coerções próprias daquele posicionamento. Para Maingueneau (1997), não podemos enxergar o discurso como dissociável da forma pela qual ele *toma corpo*. Assim, outro ponto indissociável da maneira pela qual o destinatário/co-enunciador se relaciona com o *ethos* de um discurso é a maneira pela

qual esse destinatário/co-enunciador incorpora a corporalidade imposta discursivamente, que se liga à sua forma de relacionar-se com o mundo, aderindo ou não, na forma de uma *comunidade imaginária*, ao discurso. Torna-se relevante, então, abordarmos a interação que ocorre entre um *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo, que se desmembra em um *ethos mostrado* e um *ethos dito*. O resultado é o *ethos efetivo*. É preciso, entretanto, antes de abordá-los, esclarecer que a fronteira de delimitação desses conceitos não é fixa, muito menos clara, assim como, também, não existe uma ordem de sucessão entre cada “espécie” de *ethos*. Trata-se de um processo contínuo e progressivo que tem sua validação no próprio ato enunciativo. A distinção entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado não se efetua claramente, como nos coloca Maingueneau (2006), já que torna difícil a percepção de limites claros entre o que é *dito, sugerido e mostrado*. Já o processo de reconhecimento do que vem a ser o *ethos* efetivo é um pouco menos obscuro. Trata-se daquele *ethos* construído pelo destinatário/co-enunciador, como resultado direto da imbricação entre um *ethos* pré-discursivo e um *ethos* discursivo (dito e mostrado), com a associação de *estereótipos* em circulação em determinada cultura e em determinado momento histórico, nos quais se apóia a figura do fiador, que estabelece, através de sua fala, certa identidade que deve estar em concordância com o mundo (a cena de enunciação) que ele faz emergir em seu discurso e que, por conseguinte, necessita validá-la ao mesmo tempo em que a constrói.

Retomando o raciocínio acima, enxergamos que a construção e a validação do *ethos* durante o ato enunciativo implica, necessariamente, em convencer que o *ethos* “chamado” para aquele ato de fala específico é indiscutivelmente o necessário. Esse reconhecimento e validação do *ethos* só é obtido, em contrapartida, pela própria emergência e desenvolvimento do discurso proferido, no qual, e somente neste, o *ethos* tem efetivada sua especificação e validação. Assim, ao mesmo tempo em que o discurso diz ‘sou isso e não sou aquilo’ constrói o seu *ethos* e, simultaneamente, rejeita um *anti-ethos*.⁴

Assim, a eficácia discursiva não se liga apenas ao fato de suscitar adesão de um co-enunciador interpelado, mas ao fato de alcançar, atestar o convencimento do que se diz no próprio ato

⁴ A enunciação no ato enunciativo de se auto-legitimar diz sou isso e não sou aquilo; requiro isso e não outra coisa. Assim, o *anti-ethos* serve como uma espécie de construção contraste ao *ethos* que emerge do discurso.

enunciativo. Desse modo, podemos também associar ao *ethos* uma noção de competência, no sentido de que a figura do fiador confere uma identidade que deve ser concordante com o contexto no qual pretende legitimar-se, uma vez que o discurso, por ser um acontecimento decorrente de um posicionamento, de uma inscrição histórico-social, é indissociável de uma adequação de conteúdos ao contexto, para sua própria legitimação. Não se deve apresentar como surpresa alguma que a AD privilegia o “lugar”, a *topografia social* que se abate sobre os falantes que pretendem, ao se inscreverem dentro de um campo, tornar-se sujeitos daquele posicionamento, visto que é impossível existir, dentro das prerrogativas da AD, uma exterioridade entre o sujeito e seu discurso, no sentido de que sujeito e discurso se constituem mutuamente. Explicando melhor: não há uma exterioridade entre discurso e sujeito, visto que a discursividade não é suporte doutrinário e/ou de visões de mundo; contrariamente, o discurso é regido a partir da inscrição histórica de um sujeito em determinado posicionamento que gera, em contrapartida, uma coerência ideológica global para esse discurso, definindo a especificidade de uma enunciação.

Considerações Finais

Vale ressaltar que, no presente estudo, abordamos as considerações de um pequeno número de disciplinas, tais como a retórica, a pragmática, a sociologia dos campos e a análise do discurso, que fazem uso, cada qual a seu modo, e, muitas vezes complementarmente umas às outras, do conceito de *ethos*.

Na retórica encontramos o *ethos* como uma característica individual e individualizadora de um orador em uma situação oratória específica. Nas correntes da pragmática a idéia de construção de uma imagem de si permanece agora fortemente ligada à enunciação e, no centro da análise lingüística, enxerga-se a fala como ação capaz de influenciar o parceiro. Amossy (2005) com sua *intersecção das disciplinas* inscreve o *ethos* em uma *troca simbólica*, regida de maneira regrada, por mecanismos sociais e posições institucionais. Nessa releitura o *ethos* já não é mais puramente interno ao discurso.

Assim, procuramos demonstrar a sustentabilidade de um conceito que remonta à antiguidade e mantém sua atualidade pelos constantes debates e deslocamentos conceituais que suscita. Corroborando nossa idéia da fecundidade e da movência do conceito,

ao abordarmos os teóricos de diferentes correntes, tínhamos especial interesse em demonstrar sua operacionalidade no campo da análise do discurso. Sendo assim, de acordo com um quadro teórico-metodológico, dentro desse campo, como o proposto por Maingueneau, vimos que a noção de *ethos* situa-se na dinâmica de uma *semântica global* que integra as diversas dimensões dos discursos propondo como categoria de análise um sistema de restrições que amplia as possibilidades da constituição dos *corpora* pelos analistas, uma vez que tal sistema rege todos os planos da discursividade e confere lugar determinante para a enunciação e para o enunciador.

Dessa forma, esperamos ter especificado o intenso diálogo entre as disciplinas que mobilizam o conceito de *ethos*, e sua particular aplicação no campo da AD como proposto por Maingueneau.

Referências

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

DASCAL, M. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006. (Org. Sírio Possenti; Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva).

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____. *A gênese dos discursos* (1984). Curitiba: Criar, 2005b.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp/Pontes, 1997.